



**PREFEITURA
FLORIANÓPOLIS**

**Secretaria Municipal de Saúde
Diretoria de Vigilância em Saúde
Centro de Controle de Zoonoses**

NOTA TÉCNICA DVS/CCZ 001/2010

ZOONOSES

LEPTOSPIROSE - LARVA MIGRANS - LEISHMANIOSE

Segundo a Organização Mundial da Saúde, zoonoses são doenças ou infecções naturalmente transmissíveis entre animais vertebrados e seres humanos. São consideradas um grande problema de Saúde Pública, pois representam 75% das enfermidades infecciosas emergentes no mundo.

Neste contexto, torna-se cada vez mais necessária a consolidação do papel dos Médicos Veterinários em Saúde Pública, uma vez que estes são os profissionais reconhecidamente habilitados para estabelecer o elo entre as doenças zoonóticas e os demais profissionais da área de Saúde, permitindo desencadear ações efetivas de promoção, proteção e recuperação da saúde da população.

Os Médicos Veterinários que atuam na Clínica Médica de Pequenos Animais têm importância significativa na saúde coletiva, por meio do diagnóstico e tratamento, quando recomendado, de cães e gatos que estejam acometidos por antropozoonoses. Dentre as principais zoonoses, destacam-se a **Leptospirose, Larva Migrans Cutânea, Larva Migrans Visceral, Leishmaniose Tegumentar Americana e Leishmaniose Visceral Americana.**

A LEPTOSPIROSE é uma doença infecto-contagiosa, febril, aguda, potencialmente grave, que acomete o homem e outros animais. É causada pela bactéria *Leptospira interrogans*, presente na urina do rato e de outros animais domésticos e silvestres. A transmissão da

leptospirose no ser humano pode ocorrer por meio do contato com urina de roedores e cães infectados, sendo a ratazana (*Rattus norvegicus*) o principal reservatório.

Em situações de enchentes é comum o registro de casos humanos, pois a urina dos ratos mistura-se a água e a lama, propiciando a infecção através das mucosas (oral, nasal, ocular e genital) ou pela penetração na pele, principalmente se houver algum ferimento. A Leptospirose também pode ser adquirida pela ingestão de água e alimentos contaminados com urina de ratos e cães.

A LARVA MIGRANS CUTÂNEA (LMC) é uma dermatozoonose causada pela penetração na pele por larvas dos parasitos *Ancylostoma brasiliense* e, mais raramente, por *Ancylostoma caninum*, que vivem no intestino delgado de gatos e cães.

As larvas ficam no solo (areia ou terra) de locais contaminados pelas fezes de animais parasitados e, ao entrarem em contato com partes do corpo desprotegidas, penetram ativamente no tecido cutâneo, causando a doença. É popularmente conhecida como “bicho geográfico” ou dermatite serpiginosa. Uma vez inserida na pele, a larva desloca-se causando intensa coceira e formação de túneis sinuosos, com aspecto avermelhado. Poderá ocorrer o agravamento do processo inflamatório e infecções bacterianas secundárias. Acomete principalmente os pés, as pernas, as mãos e os antebraços.

A LARVA MIGRANS VISCERAL (LMV), também conhecida como Toxocaríase, é provocada pela migração de larvas de nematóides, principalmente *Toxocara cati* e *Toxocara canis* no organismo humano. Os helmintos adultos vivem no trato intestinal de cães e gatos e seus ovos saem para o meio ambiente junto com as fezes dos animais parasitados.

Nesse caso, existe a necessidade da ingestão acidental de ovos larvados dos parasitos, juntamente com areia ou terra contaminada, vegetais crus ou outros alimentos, que entram em contato com o solo e posteriormente são ingeridos.

A doença pode ocorrer sem sintomas específicos ou apresentar quadros clínicos mais graves. A migração das larvas pode provocar os mais variados problemas, tais como: pneumonia eosinofílica crônica, hepatomegalia, miocardite, crises convulsivas e distúrbios de comportamento, endoftalmite e coriorretinite podendo progredir até cegueira. A infecção é mais freqüente em crianças e geralmente inicia com febre, anemia, perda de apetite, tosse, dores abdominais, irritabilidade e urticária. Quando atinge o olho é comum aparecer edema periorbital, dor ocular e estrabismo.

Nos casos de infecções provocadas por LMC e LMV, o Médico Veterinário assume um papel fundamental, tanto por tratar os animais parasitados como por prevenir as doenças nos

seres humanos. Vale ressaltar que as orientações educativas repassadas aos proprietários são de suma importância para a conscientização da sociedade, no tocante ao potencial zoonótico de cães e gatos, que ao defecarem em locais públicos, como praias, parques, praças contaminam o ambiente.

As LEISHMANIOSES encontram-se entre as seis endemias consideradas prioritárias no mundo.

No caso da LEISHMANIOSE TEGUMENTAR AMERICANA (LTA), há inúmeros registros de infecção em animais domésticos. Contudo, não há evidências científicas que comprovem o papel destes animais como reservatórios na LTA, sendo considerados hospedeiros acidentais da doença.

Em se tratando de LEISHMANIOSE VISCERAL AMERICANA (LVA), é importante salientar que o cão assume um papel epidemiológico relevante, pois é a principal fonte de infecção em áreas urbanas. A LVA, dada a sua incidência e alta letalidade, especialmente em indivíduos não tratados, imunodeprimidos e crianças desnutridas, é também considerada emergente em seres humanos.

É uma enfermidade crônica, sistêmica, caracterizada por febre de longa duração, perda de peso, adinamia, anemia, esplenomegalia, dentre outras manifestações clínicas nos seres humanos. Quando não tratada, pode evoluir para óbito em mais de 90% dos casos.

A transmissão da doença ocorre por meio da picada de flebotomíneos (*Lutzomyia* sp), denominados vulgarmente de “mosquito palha”, quando infectados pela *Leishmania (L.) chagasi*. O protozoário existe na natureza parasitando alguns animais silvestres. Desse modo, os flebotomíneos ao picarem os reservatórios tornam-se aptos a transmitirem a enfermidade ao homem e a outros animais. Não existe transmissão inter-humana.

No Brasil, a Leishmaniose Visceral é uma doença endêmica com registros de surtos frequentes nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Atualmente, a LVA tem avançado para região Sul do país.

O Estado de Santa Catarina caracteriza-se por apresentar uma extensa cobertura vegetal, alterações climáticas intensas e grande precipitação pluviométrica. Esses fatores podem propiciar a urbanização de flebotomíneos transmissores da LVA, favorecendo a expansão da mesma.

Em relação à doença em cães, denominada Leishmaniose Visceral Canina (LVC), é importante que os Médicos Veterinários que atuam na área de Clínica de Pequenos Animais participem ativamente do trabalho de vigilância da LVC. A colaboração dos profissionais nesse sentido é fundamental, de forma que fiquem atentos aos principais sintomas dessa enfermidade em cães.

A sintomatologia da LVC é bastante variada, pois depende do tipo de resposta imunológica do cão infectado. Poderá ocorrer febre irregular, apatia, emagrecimento, descamação furfurácea e úlceras na pele, em geral no focinho, orelhas e extremidades, ceratoconjuntivite, paresia do trem posterior, fezes sanguinolentas e onicogribose (crescimento exagerado das unhas).

Apesar da diversidade de manifestações clínicas, a doença pode permanecer inaparente por longos períodos. Nesses casos, o animal apresenta sorologia positiva para a Leishmaniose, tornando-se um reservatório.

Outra situação em que o cão poderá apresentar sorologia positiva, dando resultado falso positivo é na utilização de vacinas anti-leishmaniose visceral canina, impossibilitando diferenciar infecção natural da vacinação, por diagnósticos sorológicos.

De acordo com a **Nota de Esclarecimento do dia 03 de maio de 2009 sobre as Vacinas Anti-Leishmaniose Visceral Canina registradas no MAPA** (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do governo brasileiro), **em anexo**, o **Ministério da Saúde “não recomenda o seu uso em Saúde Pública”**, pois ainda estão sendo realizados estudos para avaliar o uso destes produtos como medida de controle da Leishmaniose Visceral no Brasil.

Pelo exposto, a **Secretaria Municipal de Saúde do Município de Florianópolis** solicita, aos **Médicos Veterinários**, especial atenção quanto a suspeita clínica das principais zoonoses com potencial de ocorrer em nossa região, e em especial as citadas nesta Nota Técnica.

As doenças de notificação compulsória devem ser comunicadas imediatamente à Vigilância em Saúde – Vigilância Epidemiológica e/ou Centro de Controle a Zoonoses de Florianópolis para que sejam tomadas as medidas imediatas de investigação, comprovação e controle zoonosário recomendadas pelo Ministério da Saúde, evitando assim a disseminação das mesmas.

As informações a serem repassadas deverão, no mínimo, ser as seguintes:

- Nome do Agravo:
- Nome do proprietário:
- Endereço e Telefone do proprietário:
- Nome do Animal, gênero e espécie:
- Data do Atendimento:
- Data dos primeiros Sintomas:
- Nome do Notificante:
- Clínica Notificadora:
- Endereço e Telefone de contato:
- Observações livres:

NOTIFICAÇÃO À VIGILÂNCIA EM SAÚDE DE FLORIANÓPOLIS

*** Gerência de Vigilância Epidemiológica**

3212 3922 e 9985 2710 – 24 horas

3212 3907 – 07:00 às 19:00 horas

*** Centro de Controle a Zoonoses**

3338 9004 e 9616 3691 - 07:00 às 19:00 horas

* Email: notifica@pmf.sc.gov.br

Florianópolis, 19/07/2010.

Secretaria Municipal de Saúde
Diretoria de Vigilância em Saúde
Centro de Controle a Zoonoses

Antônio Anselmo Granzotto de Campos

Diretor de Vigilância em Saúde

Eliana Maria de Almeida

Gerência Centro de Controle a Zoonoses